

Mostra Chantal Akerman

“Nos meus filmes, você sente a passagem de cada segundo com o seu corpo, acaba enfrentando você mesmo. Tudo que temos é o tempo.” (Chantal Akerman)

Tempo. Memória. Cotidiano. Feminino.

Estes são temas que permeiam o cinema de Chantal Akerman em todas as suas faces, dos experimentos mais ensaísticos ao documentário mais direto, mas nem de longe são definições que abarcam a obra da artista por completo.

Uma das grandes referências no que se refere a realizadoras mulheres que empregam um olhar singular sobre o feminino, Akerman constrói em seu próprio ritmo a passagem de um tempo que pode ser claustrofóbico, violento, solitário, e demasiado melancólico. O mal-estar intraduzível em seus filmes está nos menores detalhes do cotidiano, e mesmo que registre grandes metrópoles em plano aberto, o urbano de suas obras também espelha uma angústia íntima que atravessa realizadora e espectador.

Além de cineasta, Chantal Akerman também foi escritora, artista visual e atriz em vários de seus longas. Fez parte de uma segunda onda do feminismo, refletindo em seu trabalho sobre a representação de mulheres também no fazer cinematográfico: seu longa mais aclamado, *Jeanne Dielman*, foi um dos primeiros filmes a contar com uma equipe totalmente feminina. No entanto, Chantal não permitia-se reduzir enquanto artista a rótulos puramente identitários, seja em relação ao feminismo, ou ao fato de ser uma mulher lésbica e judia. Discordava da nomeação de um “cinema feminista”, afinal via o cinema como “campo gerador de liberdade dos limites da identidade”. Para a cineasta, “quando as pessoas dizem que há uma linguagem de cinema feminista, é como dizer que só existe uma maneira para as mulheres se expressarem”.

Trazemos esta mostra não apenas como homenagem a uma voz de influência fundamental na arte do século 20, mas como tentativa de introduzir uma filmografia rica em possibilidades que ainda pouco se discute dentro e fora do meio cinematográfico.

Sobre a cineasta

Chantal Akerman nasceu na Bélgica, de família judia, sua mãe e seus avós foram deportados para Auschwitz, tendo só a mãe sobrevivido. Estudou cinema mas largou o curso para fazer seu primeiro curta metragem, *Saute ma ville* (1971). Se inspirou em seguir carreira como cineasta após assistir o filme do Godard, *Pierrot le fou* (1965). Faz parte dos 100 melhores filmes escolhidos pela crítica em 2012 pela revista britânica *Sight and Sound*, sendo desta lista a diretora mais jovem a dirigir o primeiro longa metragem, o aclamado *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080, Bruxelles* (1975), realizado quando tinha 24 anos. Apesar de ser um expoente do cinema feminista, não gostava de rótulos, recusava ter sua obra considerada feminista, experimental ou LGBT; não aceitava participar de festivais de gênero pois acreditava que sua obra se restringia quando limitada a estereótipos. Faleceu em 2015, aos 65 anos deixando um acervo de mais de 48 obras, entre curta-metragens, longas de ficção e documentário, além de instalações e exposições artísticas.

